

08. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da seleção brasileira

Narratives about the first international broadcasted matches of Brazilian team

FILIPE FERNANDES RIBEIRO MOSTARO
Y MARCELO KISCHINHEVSKY
Universidad del Estado de Río de Janeiro
Río de Janeiro, Brasil
filipemostaro@gmail.com
marcelok@uerj.br

Letra. Imagen. Sonido L.I.S. Ciudad mediatizada
Año VIII, #15, Primer semestre 2016
Buenos Aires ARG | Págs. 147 a 165
Fecha de recepción: 31/3/2016
Fecha de aceptación: 18/7/2016

Este artigo investiga os metadiscursos da imprensa sobre as primeiras transmissões radiofônicas de partidas de futebol, que se apresentavam como relatos “em tempo real” dos acontecimentos. Elegeu-se como estudo de caso a transmissão das duas partidas finais do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1937, entre Brasil e Argentina, referenciada em reportagens de dois importantes jornais brasileiros da época: *A Noite* e *Diário Carioca*. Busca-se entender como a narração esportiva se constituía, na ocasião, como mobilizadora popular, auxiliando na construção de um imaginário em torno da seleção nacional, de uma rivalidade com os vizinhos argentinos e do próprio rádio como meio de comunicação.

Palavras-chave: rádio ~ imprensa ~ futebol ~ narrativas ~ seleção brasileira

This paper investigate press metadiscourses about the first soccer matches broadcasted by radio, presented as “real time” reports. We took as case study the 1937’ South American Championship finales, between Brazil and Argentina, referred to in two of the most important Brazilian newspapers at that time: *A Noite* and *Diário Carioca*. We seek to unders-

tand the process that converted sports narration into a popular mobiliser, supporting the building of a collective imaginary about the national team, as well as a rivalry with the Argentinians and the audio broadcasting media itself.

Keywords: radio ~ press ~ soccer ~ narratives ~ Brazilian national team

Introdução

O presente artigo visa investigar vestígios discursivos da gênese da rivalidade entre as seleções de futebol masculino de Brasil e Argentina, analisando seus rastros em diários de grande circulação no Rio de Janeiro no ano de 1937, quando as duas equipes se enfrentaram pela primeira vez em finais de uma competição internacional, o Campeonato Sul-Americano. No percurso, será abordado o desenvolvimento simbiótico da radiofonia e do futebol no Brasil ao longo dos anos 1930 e 1940, bem como a consolidação do gênero de relatos desportivos e da própria transmissão radiofônica, que se apresenta como cobertura “em tempo real” dos acontecimentos, engendrando novos espaços midiáticos e de representação social.

Entende-se que novas formas de comunicação mediada auxiliam na construção de imaginários sociais e de identidades individuais, locais, regionais e/ou nacionais (THOMPSON 1999). Interações mediadas pela comunicação massiva rearticulam processos sociais e culturais, possibilitando novas formas narrativas, apropriadas de formas diversas por uma audiência que começa a se organizar como tal na fase do *rádio espetáculo* (FERRARETTO 2012), entre os anos 1930 e 1950. A programação radiofônica do período, sobretudo durante o governo Getúlio Vargas (1930-1945) ajudou a disseminar discursos em torno de uma suposta identidade nacional.

No caso do futebol, que então se profissionalizava no país e passava a ganhar ampla cobertura da imprensa e das emissoras de rádio, esta identidade seria marcada por características atribuídas ao jogador brasileiro, como “ginga”, “malícia”, talento inato, criatividade e inventividade – claramente, um projeto de segmentos intelectuais de inverter o sinal negativo atribuído à brasilidade, encontro de “três raças tristes” como definiu o poeta Olavo Bilac, pelo pensamento hegemônico no país até os anos 1920 (REIS 2001).

Cria-se no período um circuito de retroalimentação, em que intelectuais como Gilberto Freyre (1938) proclamam essa brasilidade positiva na imprensa e elegem o “*football* mulato” como metonímia para a pátria.

Nosso recorte neste artigo é analisar como se desenvolveu a ideia de que 11 jogadores de futebol representavam a pátria durante o Sul-Americano de 1937, evento descrito nos periódicos analisados como objeto da primeira transmissão internacional de partidas de futebol e “em tempo real”. Também serão enfocadas as narrativas sobre o torneio que alicerçaram o papel do rádio como detentor da informação instantânea.

Na primeira parte do trabalho, destaca-se a conjuntura que possibilitou ao futebol ser incorporado à ideia de ser brasileiro, passando por sua origem supostamente elitista até os embates que o edificaram como símbolo da cultura nacional. Sugerimos que, no momento em que o esporte passa a produzir sentidos de brasilidade, as competições disputadas pela seleção tornam-se momentos em que a ideia de identidade nacional se faz presente, no sentido de estabelecer fronteiras entre “nós” e “eles” e sedimentar um determinado imaginário sobre a nação. Em seguida, apresentaremos a conjuntura que contribuiu para a popularização do rádio, sua associação ao jornalismo e os diferentes sentidos que as transmissões esportivas engendraram na legitimação do veículo como reprodutor dos acontecimentos na hora em que eles ocorriam.

Na parte final, apresentaremos um breve resumo do Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1937 para então chegarmos às análises dos metadiscursos produzidos nos periódicos estudados acerca do rádio. Selecionamos dois jornais: *Diário da Noite* e *A Noite*¹, o primeiro por pertencer ao mesmo grupo de comunicação da Rádio Tupi (Diários Associados), que realizou a transmissão das duas partidas contra os argentinos; o segundo, por divulgar a retransmissão do jogo da Radio Club do Brasil em alto-falantes nas praças cariocas, expandindo o ambiente discursivo da transmissão.

Nossa proposta busca inspiração nos trabalhos de FERNÁNDEZ (2008, 2012) e particularmente FRATICELLI (2008), ao investigar os metadiscursos da radiofonia em outras mídias, demonstrando a importância do veículo e como este transborda seu caráter “testemunhal dos fatos” para outras esferas que articulam sentidos sociais. Também incorpora uma tradição relativamente recente de estudos de comunicação e esporte, que

1 O grupo que comandava *A Noite* e as revistas *Noite Ilustrada*, *Carioca* e *Vamos Ler* adquiriu em 1936 a PRA-X Rádio Philips do Brasil e criou a PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro, líder de audiência por duas décadas (TAVARES 1997).

tenta escapar do reducionismo dos mitos fundadores em torno da ideia de identidade nacional (HELAL, SOARES E LOVISOLO 2001, ANTUNES 2004, HELAL E CABO 2014, entre outros), “a pátria em chuteiras” de que falava, nos anos 1970, o cronista Nelson Rodrigues (1994).

Acreditamos que o rádio produz sentidos ao acionar dispositivos e empreender transposições, reconfigurando gêneros e estilos que ao longo do tempo construíram a própria noção de radiofônico e auxiliaram na construção e consolidação de imaginários sociais. Este trabalho busca, portanto, suprir parte da lacuna dos estudos radiofônicos sobre a gênese do gênero de relatos desportivos e analisar seu impacto sobre as narrativas de uma brasilidade que, nos anos 1930, era um inédito campo de disputas, instrumentalizado pela política e por interesses econômicos.

O futebol dentro dos campos de disputa de sentidos

VICTOR ANDRADE DE MELO (2009) afirma que a migração favoreceu e induziu a prática esportiva no Brasil. A influência britânica era sentida principalmente no entorno de portos, fábricas e ferrovias, agentes de uma ideia de modernidade incorporada pelas elites e também pelas classes populares brasileiras, cujo sinal mais evidente, na virada para o século XX, é a constituição de clubes de futebol e regatas no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte, em Porto Alegre e em outras capitais. Muitos destes clubes ofereciam importante *locus* de sociabilidade para uma emergente burguesia local; outros tantos, menos contemplados pela historiografia tradicional, para a nascente classe operária e, ocasionalmente, para imigrantes.

O esporte chega com um sentido de sofisticação e civilidade, evidenciando a posição social de destaque do praticante (SILVA 2014). Nos primeiros anos de prática do futebol no Brasil, o espírito amador, o cavalheirismo e o *fair play* conformavam um “esporte da elite”, em que as camadas mais pobres da população se viam excluídas, assim como ocorria na vida política nacional. O mito fundador tem como protagonista Charles Miller, brasileiro filho de escocês, criado no Reino Unido, que teria sido o responsável pela introdução do futebol no Brasil ao desembarcar no país com bolas, um par de chuteiras e um livro de regras da Football Association.

Pioneiros estudiosos do futebol, como o jornalista MARIO FILHO (2003), disseminaram a narrativa de que o futebol nasceu aristocrático, pe-

los pés de Charles Miller, no São Paulo Athletic Club, e creditavam ao preconceito racial a exclusão dos pobres. A aristocracia da época não pretenderia dividir espaços sociais e políticos com outros atores sociais vindos do interior do país, operários, imigrantes ou escravos recém-libertos – vale lembrar que a escravidão só foi abolida no Brasil em 1888. Esta versão, no entanto, desconsidera a prática do futebol nos campos de várzea, em anos anteriores, por marinheiros e operários britânicos, que circulavam intensamente nas cidades portuárias brasileiras (SANTOS NETO 2002, MASCARENHAS 2014).

No continente sul-americano, as partidas de futebol entre seleções surgem nos anos 1910, evocando eventos diplomáticos entre nações (SARMENTO 2013). Na terceira edição do Campeonato Sul-Americano, em 1919, o Brasil foi sede e venceu pela primeira vez. O historiador NICOLAU SEVCENKO (1994) aponta este torneio como a “descoberta de uma vocação” do gosto popular por este esporte. O Sul-Americano de 1919 contribuiu para que um esporte originário e difundido pelas elites nacionais se tornasse popular, com grande apelo frente ao público e indicava que tal processo era irreversível. Conforme afirma SARMENTO (2013: 32), o campeonato serviu para reafirmar a condição do futebol como “meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional”.

Neste contexto, a década de 1920 se torna importante no fomento dos debates em torno da construção da identidade nacional. Eventos como a Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, a Exposição Universal (marco das comemorações do centenário da Independência), a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do Partido Comunista Brasileiro, todos em 1922, indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil. Neste mesmo ano, chega oficialmente ao Brasil o rádio, que em poucos anos se tornaria *locus* privilegiado para esses embates.

Ao assumir o poder em 1930, Getúlio Vargas buscou unificar um país marcado por rivalidades regionais, utilizando o poder mobilizador do esporte, sobretudo o futebol, para difundir sentimentos nacionalistas e afirmar uma brasilidade positiva. Esse movimento coincide com a profissionalização do futebol, que passava a ganhar financiamento privado de empresários, subsidiando clubes, pagando salários a atletas e alimentando uma nascente indústria da publicidade massiva. Jovens vindos de camadas populares começavam a ver no futebol uma oportunidade de ascensão social. Segundo Melo, ao ampliar a possibilidade participação popular, a prática esportiva se insere na lógica da cultura de massa, “e

os populares começam a também poder praticar, não somente assistir” (2009: 73).

Ao mesmo tempo em que se pretendia unificar o país, o campo esportivo empenhava-se em fortalecer a ideia da seleção como representante nacional. O insucesso da participação brasileira nas Copas do Mundo de 1930 e 1934 expôs os embates entre paulistas e cariocas (em 1930) e entre amadores e profissionais (em 1934). A “culpa” pela derrota, segundo as narrativas dos jornais da época, estaria centrada nestas duas questões. A querela sobre a profissionalização, que se arrastava desde 1933², ganhou um ponto final com a instauração do Estado Novo em 1937. Investindo-se de poderes ditatoriais, Vargas interveio no futebol, unificando as ligas e adotando o profissionalismo. Aqui, é possível relacionar tais decisões com o momento social e político vivido pela sociedade. A consolidação das leis trabalhistas passava a proteger o trabalhador assalariado; logo, profissionalizar o futebol era dar prosseguimento a uma formalização das relações de trabalho que angariava apoio popular ao governo. O cenário de crescente concentração urbana também favorecia a expansão do rádio e solidificava seu papel como meio de comunicação massivo.

Nesse contexto, o Sul-Americano de 1937 desempenhou papel-chave na associação entre seleção de futebol e nação, que floresceria durante a Copa de 1938, também com o auxílio do rádio e o papel do Estado. Acreditamos que a ideia de uma cultura nacional, que surgia neste panorama, nada mais é do que um discurso que visa produzir símbolos e acionar sentidos que vão influenciar e organizar as ações dos indivíduos, proporcionando identificação e construindo identidades. O futebol foi um desses símbolos.

A interação rádio, jornalismo e esporte

A popularização e a profissionalização do futebol, com significativo crescimento do número de páginas dedicadas aos eventos esportivos na imprensa brasileira, coincidem com a chegada do rádio ao Brasil, cujo marco oficial está relacionado às comemorações do centenário da Independência, em 7 de setembro de 1922³. Nos anos 1930, multiplicam-se as emissoras

2 As equipes que adotaram o profissionalismo estavam filiadas à FBF (Federação Brasileira de Futebol) desde 1933 e as que permaneceram no amadorismo eram filiadas à CBD (Confederação Brasileira de Desportos). O êxodo dos jogadores para países onde já existia o profissionalismo também era considerável desde o início dos anos 1930. Isto serviu para a argumentação de que o atraso na adoção do profissionalismo levava ao perda de craques como Leônidas, Fausto e Domingos da Guia para o exterior (cf. PRONI 2000).

3 Essa cronologia é contestada por pesquisadores que atribuem à Rádio Clube de Pernambuco o pioneirismo em transmissões radiofônicas no país, documen-

por todo o Brasil, consagrando-se um modelo de radiodifusão predominantemente comercial, financiado pela publicidade massiva.

As transmissões de eventos esportivos se organizam nesse período, moldando um gênero que teria tremendo impacto no cenário social, ao estruturar o rádio como enunciador dos acontecimentos em “tempo real”. O veículo instaura a noção de instantaneidade entre tempo do acontecimento e tempo da escuta, encurtando a distância entre instância da produção e instância da recepção. Conforme define CHARAUDEAU (2010: 107): “O rádio é por excelência a mídia de transmissão direta e do tempo presente”.

Segundo Lia Calabre (2004), a Rádio Clube do Rio de Janeiro, PRA-3, segunda emissora regular criada no país, já apresentava uma programação com forte presença de relatos desportivos nos anos 1920. A *Rádio Clube* transmitiu uma partida de futebol pela primeira vez, em 1925, na voz de Amador Santos⁴. No período, em linhas gerais, apenas boletins sobre as partidas eram apresentados pelo rádio, com apresentadores entrando ao vivo na programação durante os intervalos das partidas para relatar os lances mais importantes. Ainda não existia a ideia de narrar integralmente o jogo e descrever seus acontecimentos no momento em que aconteciam.

O discurso mítico da objetividade e “verdade” do jornalismo encontrou um aliado na pretensão do rádio de captar o “real”. Dessa forma, o processo da linguagem radiofônica se emoldura com caráter amplo, intertextual e englobando metadiscursos oriundos da sociedade e do jornalismo como instituição que apresenta a “realidade”, como FERNÁNDEZ (2008) salienta. Desta maneira, o rádio emerge como local de jornalismo, com os atributos e características de veracidade, fiscalizador dos poderes públicos, incorporando o ouvinte, fazendo dele um produtor e, sobretudo, desenvolvendo uma linguagem própria, suposta “descrição do real” (GUERRA 2012).

tadas a partir de 1919, e outros lembram o papel do padre-inventor Roberto Landell de Moura, que realizou demonstrações públicas registradas pela imprensa de transmissão de voz a distância em 1899. Mas o fato é que todos concordam que a primeira emissora a transmitir regularmente foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, estruturada por um grupo de intelectuais liderados pelo antropólogo e educador Edgard Roquette-Pinto.

4 Samba composto por Lamartine Babo, *As cinco estações*, em que homenageava as rádios do Rio de Janeiro na época, coloca a Rádio Clube como “francamente do esporte”: “*Sou Rádio Clube, eu sou é gol!! No galinheiro, se irradia para o povo cada gol que eu anuncio a galinha bota um ovo*”. A menção à galinha é uma referência à ocasião em que Amador Santos foi impedido de ingressar no estádio do Fluminense, um dos primeiros clubes de futebol do país, e teve que se postar no galinheiro de uma casa ao lado do campo para narrar a partida.

A primeira transmissão integral de um jogo de futebol teria ocorrido em 19 de julho de 1931. Nicolau Tuma, na época com 20 anos, narrou a vitória da Seleção Paulista sobre a Seleção do Paraná por 6 a 4, pela Rádio Sociedade Educadora Paulista. O *speaker* metralhadora, por pronunciar até 250 palavras por minuto, entrou para a história do jornalismo esportivo. Tuma se propôs a descrever “fielmente todos os acontecimentos ocorridos na partida”. A criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio, aliado ao interesse popular cada vez maior pelo futebol, tornaram as transmissões esportivas um dos carros-chefes das emissoras.

Neste panorama, os locutores passam a ganhar status de integrantes do espetáculo e despertar emoções nos torcedores com a maneira peculiar de narrar. Ary Barroso foi um desses nomes. Ao invés de gritar “gol” como os outros companheiros *speakers*, tocava uma gaitinha, sempre que jogadores do seu time do coração, o Clube de Regatas do Flamengo, balançavam as redes adversárias. Suas transmissões dos jogos da Seleção Brasileira também ajudaram a transformá-la em representante da pátria. Guterman (2009) destaca que o Sul-Americano de 1937 foi um grande capítulo deste ufanismo em torno da seleção. As duas partidas finais tiveram Barroso⁵ como narrador pela Rádio Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro⁶. Guterman afirma que a locução de Ary descreveu com veemência as atitudes violentas dos jogadores argentinos e destacou a ideia do jogo como um campo de batalha, fazendo com que os jogadores brasileiros fossem recebidos na volta como “valorosos patriotas diante de um rival violento e desleal” (2009: 77).

Nessa descrição dos acontecimentos encontramos na voz do locutor outra característica marcante do veículo. A voz narrativa não se limita a apresentar acontecimentos. O sentido de conversa e intimidade com o ouvinte através de inflexões e entonações estabelece uma interlocução voltada para o afeto, penetrando no imaginário do receptor e construindo uma personagem, uma representação do locutor, repórter e jornalista como amigo de quem o escuta. A voz traz uma personalidade completa, possibilitando uma rica construção de sentidos (LOPES 1988). FERNÁNDEZ (2012) destaca que a escuta radiofônica é uma interação, uma conversa. Nesta interação se concretizam as dinâmicas sociais e simbólicas dos indivíduos, que precisam compartilhar um campo de experiências comuns, como destaca FERRARETTO (2014). O ouvinte, em nossa visão, está

5 É sintomático que Ary Barroso fosse também um importante compositor de música popular, tendo lançado, em 1939, na voz de Aracy Cortes, seu maior sucesso: *Aquarela do Brasil*. A faixa teria centenas de regravações e inauguraria um gênero, o samba-exaltação, de vivas tintas ufanistas.

6 Em 1938, Ary se transferiu para a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.

longe de ser passivo, seu ambiente cultural construído influencia suas ações e percepções. Caso o futebol não mobilizasse um número considerável de pessoas, as transmissões não “fariam sentido” para quem as escutasse, evidenciando a importância do tipo de relação que os interlocutores estabelecem entre si. Conforme THOMPSON (1999) ressalta, mesmo não podendo responder diretamente a essa “quase interação mediada”, pode-se criar laços de amizade, afeto e lealdade, um novo tipo de intimidade a distância.

Nossa hipótese é que ao realizar a transmissão de jogos decisivos da seleção nacional, como veremos a seguir, o rádio disseminou por grande parte do território nacional uma *ideia* de relação do brasileiro com a seleção. O locutor era o “olhar” dos ouvintes no local do jogo, enunciando relatos emotivos sobre o que acontecia no gramado, aproximando o público da seleção e dos jogadores e preparando o terreno para que ela se tornasse a representante da nação. Ao passarem a integrar parte do imaginário social, as representações formuladas neste contexto que descrevemos acima, vão integrar um mapa cultural partilhado pela sociedade e reforçar o papel do rádio e do futebol.

Aqui cabe um breve esclarecimento de ordem conceitual: entendemos o imaginário como o ponto de partida da relação e interação dos elementos que compõem uma narrativa. LE GOFF (1985) indica que o imaginário circula através da história, das culturas e dos grupos sociais. O imaginário pode ser entendido como um repertório de imagens, ou um “museu de imagens”, como DURAND (1997) define, que serão a matéria-prima para se completar ideias e se fazer associações. Precisa-se do imaginário para concluir uma representação e uma narrativa.

Para BACZKO (1985), o que leva o homem a agir é o coração, suas paixões e seus desejos. Para ele, é exatamente no imaginário que tais sentimentos são aquecidos através do *pathos* (paixão), que também dirige a linguagem dos símbolos e dos emblemas. A relação de afeto erigida entre locutor e ouvinte atua, no nosso entender, neste ponto, orientando os símbolos, criando situações sociais reconhecidas e compartilhadas ao solidificar a elaboração do imaginário.

As narrativas do Sul-Americano de 1937

Aqui é pertinente trazer as considerações de Paul Ricoeur acerca da construção da narrativa. As ações de determinados atores sociais são contadas através do que RICOEUR (2010) chama de *intriga*. Em suma, a

intriga pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações. Deste modo, o que vai ser narrado, o que fica nos bastidores ou na fachada e qual a ordem dos fatos, direciona o sentido da notícia e constrói o acontecimento jornalístico.

LUIZ GONZAGA MOTTA (2007) ressalta que nenhuma narrativa é ingênua, ela cumpre sempre um determinado propósito, com ações estratégicas na constituição de significações em contextos. A narrativa jornalística procura apagar marcas de subjetividade e interpretação do jornalista na construção da intriga, como se o fato falasse por si, criando o “efeito de real”, colocando a notícia e seu relato como uma voz narrativa recheada de poder simbólico, definindo a “realidade” da situação social. Todavia, a análise de narrativa está atenta para tais movimentos, compreendendo que ao selecionar os acontecimentos já se interfere na narrativa, almejando determinada significação (MOTA 2013).

Argentina, Peru, Uruguai, Paraguai, Chile e Brasil participaram da 14^o edição do torneio realizada na Argentina. O Brasil estreou no dia 27 de dezembro de 1936 e venceu o Peru por 3 a 2. As vitórias seguintes sobre Chile (6x4), Paraguai (5x0) e Uruguai (3x2) colocaram a seleção brasileira em uma situação favorável à obtenção do título que desde 1922 não era conquistado. O torneio foi disputado em turno único e quem conquistasse o maior número de pontos seria o vencedor. Com um empate diante dos argentinos, o Brasil seria campeão. Já a Argentina teria que vencer o jogo para forçar a partida de desempate.

Analizamos as narrativas dos dois jornais do dia 23 de janeiro, data da vitória contra o Uruguai até o dia 3 de fevereiro, dois dias após o jogo final, para verificar os desdobramentos da narração do rádio nos jornais. Nas páginas dedicadas ao esporte dos periódicos, procuramos as notícias que mencionavam a transmissão de rádio para investigação de suas narrativas. Para elucidar melhor o contexto da competição, selecionamos reportagens que enalteciam a expectativa com que os brasileiros acompanhavam o torneio e associavam à seleção a ideia de nação, como o trecho abaixo:

Hontem a cidade não dormiu enquanto não soube o resultado do importante embate. Os telefones tilintavam de instante a instante e o copioso e perfeito serviço especial que recebemos e vae inserto na seção de sports era transmittido

ao publico que delle ficava inteirado com intima satisfação. A Victoria dos nossos foi motivo para grandes e ruidosas manifestações na cidade, o que evidencia estar a atenção do povo concentrada nos nossos valorosos patricios que acabam de ficar em situação privilegiada, tanto que, na peor das hypotheses, tornar-se-ão vice-campeões do mais importante torneio de football do mundo, uma vez que é sabido e notório que a força do football reside no novo continente (*DIÁRIO DA NOITE*, 23/1/1937, p. 8).

Expressões como “honra”, “júbilo patriótico” e “representação nacional” foram usadas nas reportagens do *Diário da Noite* após a vitória contra o Uruguai. Além disso, a narrativa do jornal procura salientar a busca dos brasileiros por informações sobre a partida antes mesmo da publicação do jornal no dia seguinte. Na procura por essa “íntima satisfação” do ouvinte, a capa do dia 23 de janeiro do *Diário da Noite*, anunciou que a Rádio Tupi faria a transmissão ao vivo da partida, diretamente da Argentina:

A Radio Tupi e a Radio Difusora de São Paulo, sob o patrocínio dos “Diarios Associados”, vão corresponder à ansiedade publica irradiando directamente do campo de S. Lourenço de Almagro, em Buenos Aires, a descrição detalhada de sensacional peleja. (...) Com um microphone installado no campo de S. Lourenço de Almagro, ligado directamente à Tupi e à Difusora por meio de telephone internacional, a irradiação que Nicoláo Tuma vae fazer será a reportagem perfeita e completa do jogo no instante mesmo em que elle se realizar. (*DIÁRIO DA NOITE*, 23/1/1937, p.17).

Explicar como será feita a transmissão ao vivo de outro país, também se faz necessário para legitimar a narrativa e destacar a descrição do evento como “reportagem perfeita e completa do jogo”, no mesmo instante em que ele vai se realizar. Outra narrativa significativa é demarcar que o locutor estará no local, vendo o acontecimento, inferindo que, por isso, estaria legitimado a falar sobre ele.

Na página sete o *Diário da Noite* afirma que a peleja “vai prender uma incalculável massa humana junto aos aparelhos receptores de radio” (*DIÁRIO DA NOITE*, 23/1/1937, p. 7), reverberando a ideia do rádio como

detentor da informação instantânea sobre o jogo e objeto de atenção da população. Além disso, o jornal sugere que ser brasileiro é torcer para a seleção, destacando a expectativa em torno da partida: “todos os bons brasileiros aguardam o momento do choque, com indisfarçável ansiedade, com o bater do coração descompassado pelo natural nervosismo que tal acontecimento proporciona” (*DIÁRIO DA NOITE*, 30/1/1937, p. 7). No dia do jogo, o *Diário da Noite*, informava que:

para que se torne mais fácil à população acompanhar as phases do empolgante encontro, collocou poderosos e nítidos alto-falantes no coreto de Madureira, no coreto do Jardim do Meyer e em vários pontos do centro da cidade. O jogo será descripto por Tuma o inegualavel speaker desportivo da Paulicea, que já se encontra em Buenos Aires, para onde seguiu, há dias, em avião, para esse fim, como enviado da grande emissora carioca. (*DIÁRIO DA NOITE*, 30/1/37, p. 1)

Ao instalar alto-falantes em bairros populares e no Centro da cidade, a emissora colabora decisivamente com o evento, promovendo-o e fazendo parte dele. No texto a seguir, notamos a tentativa de unificar o esporte nacional em torno da seleção, mencionando que os embates que descrevemos anteriormente estariam em declínio em função da expectativa criada pela conquista do torneio: “O interesse do público volta-se, hoje, numa expectativa (*sic*) e ansiedade que apagaram os famosos dissídios em permanente fermentação no nosso sport, para a pugna que se vae travar, hoje à noite, em Buenos Aires” (*idem*). A ideia de integração da cidade em torno da partida também é abordada pelo *Diário da Noite* ao destacar a sua iniciativa e da Rádio Tupi, realçando a instantaneidade das informações: “Desse modo, os habitantes daquelles populosos subúrbios poderão acompanhar, minuciosamente e através de empolgantes informações, minuto a minuto, o choque das equipes” (*idem*).

O jornal *A Noite* faz o anúncio da retransmissão da partida por alto-falantes colocados em pontos da cidade, destacando que ela possibilitará aos cariocas acompanharem os mínimos detalhes do jogo.

A PHILIPS DO BRASIL retransmitirá hoje, em combinação com o Radio Club do Brasil (P.R.E.-3), directamente de Buenos Aires, a partida entre o Brasil e Argentina, em disputa do Campeonato Sul-Americano. Poderosos alto-falantes monta-

dos na Esplanada do Castello, retransmitirão todo o desenrolar do sensacional prélio, afim de que o publico Carioca possa acompanhar essa empolgante luta nos seus mínimos detalhes. A retransmissão se fará ½ hora antes do inicio do jogo, isto é, às 21 ½ horas. (*A NOITE*, 30/1/37, p. 7)

Em outra reportagem, *A Noite* dimensiona o crescimento do interesse pelo futebol nos anos 1930 e a ideia de que os jogadores representam a nação:

A batalha Brasil x Argentina, temos frisado, é a maior do campeonato que marcou o conceito do football moderno no espírito das massas. As enchentes verificadas nos grandes jogos, vieram positivar que essas competições são realmente, as que interessam ao publico. (...) Tendo conseguido um cartaz inconfundível, o nosso selecionado pôz em foco, em todo o continente, o nome do Brasil. E de victoria em Victoria, mostrou esse “onze”, com energia, technica e disciplina, o progresso do nosso “soccer”. (idem)

A seleção brasileira perdeu por 1 a 0, provocando um segundo jogo, disputado no dia 1 de fevereiro. Depois de 90 minutos de jogo e mais 30 minutos de prorrogação, o Brasil perdeu por 2 a 0, dois gols de De La Mata, um em cada tempo da prorrogação. *A Noite* estampou na capa: “Jogou-se hontem em Buenos Aires a maior partida de football de todos os tempos”. “Uma colossal multidão no estádio e milhões de pessoas ouvindo o radio” (*A NOITE*, 2/2/37, p. 1) Sugerimos que a novidade tecnológica da transmissão internacional, aliada à expectativa de vitória, favoreceu o tom da narrativa. Na segunda página, o playcard (descrição do jogo via telégrafo) foi reproduzido. Após destacar a violência dos argentinos nos primeiros vinte minutos de jogo, a seguinte descrição nos chamou a atenção: “Aggredidos successivamente. Os players do Brasil são sucessivamente aggredidos a pontapés pelos adversários” (*A NOITE*, 2/2/37, p. 2). Logo depois desta descrição, veio o lance que paralisou o jogo:

Carnera, aos 35 minutos de jogo é aggredido, pelas costas a pontapés e soccos, pelo meia direita Varallo. O back do Brasil defende-se. Conflictio! A aggressão do nosso zagueiro provoca sério conflictio. Aos 35 minutos, o jogo é interrompido, inter-

vindo vários players, num conflito generalizado. A policia intervem, procurando deter os players exaltados. Os players brasileiros, serenados os ânimos, ameaçam retirar-se de campo. O quadro brasileiro abandona o gramado, recolhendo-se todos os players no vestiário (idem).

Infelizmente não tivemos acesso ao material radiofônico que pudesse nos ajudar na investigação da transmissão e como os locutores relataram tal fato. O que notamos é uma congruência com a afirmação de GUTERMAN (2009) de que a partida tinha sido violenta e com conflitos entre os atletas. A descrição do jornal aponta que o chanceler argentino Saavedra Lamas, precisou ir ao rádio e pedir aos seus compatriotas que se contivessem nas emoções, em nome da fraternidade argentino-brasileira. Queremos deixar claro que não é nossa intenção descobrir se o jogo foi ou não violento, nossa ideia é investigar como as narrativas dos periódicos oferecem pistas sobre o teor da transmissão radiofônica e neste sentido julgamos pertinente trazer tais descrições para contextualizar a situação que foi motivo de críticas dos jornais aos locutores, como veremos a seguir.

O *Diário da Noite*, por sua vez, publicou em sua capa: “Sob Violenta pressão publica os brasileiros cedem a Victoria” (*DIÁRIO DA NOITE*, 2/2/37, p. 1) A manchete deu o tom com que o jornal ia descrever a decisão. Ainda na capa, a coluna assinada pelo jornalista Austregesilo de Athayde tinha o seguinte título: “A guerra dos noventa minutos”. A reportagem seleciona as seguintes ações para compor a intriga:

Toda vez que entram no campo os “onze” de uma das nacionalidades competidoras, os respectivos povos se eriçam. Encrespam-se as almas, enfurecem-se os corações e por longos noventa minutos a paz corre terrível perigo. O radio encarrega-se de levar as cóleras ao Maximo da ignição. Os rapazes nas “canchas” procedem com o mesmo sagrado ímpeto de soldados defendendo a sua trincheira. As multidões rugem de patriotismo. E em todos os recantos da America, onde se possa ouvir um alto-falante, vozes acclamam, vaiam e imprecam, pedindo em altos brados grandes hecatombes vingativas. (*DIÁRIO DA NOITE*, 2/2/37, p. 1)

Notamos que, além de repercutir a partida, a coluna aborda a transmissão do rádio, exaltando que a locução foi a centelha que explodiu os ânimos e o nacionalismo entre os torcedores, principalmente no Brasil. É interessante notarmos o valor que os jornais deram às transmissões esportivas na percepção do que aconteceu em campo, principalmente na reportada briga entre os jogadores, ampliando o espaço discursivo do rádio. Ainda falando sobre as locuções, um artigo assinado por Fred no jornal *A Noite* chamou a atenção para a diferença nas transmissões do jogo.

Ora, os rapazes que irradiaram o jogo do dia 30 e o de ontem, entre argentinos e brasileiros, falam a mesma língua, trabalham as mesmas palavras, funcionam no mesmo mister. As transmissões, entretanto, não foram iguaes.(...) A função do repórter, qualquer repórter, é ver e contar. (*A NOITE*, 2/2/37, p. 4)

A coluna destaca que cada transmissão parecia ser de um jogo diferente e ressalta a esperada atuação de um repórter: contar exatamente o que está vendo no campo para o ouvinte. Para o autor, o nervosismo em torno da decisão fez os locutores “tomarem partido” da seleção. A preocupação central nas críticas do jornal era do locutor não fugir à representação de contar o que vê de forma isenta. Essa argumentação é importante no sentido de procurar retomar a ideia de imparcialidade na transmissão para não quebrar a representação que vinha sendo sedimentada sobre o rádio e seu papel nas transmissões dos eventos ao vivo. Na mesma capa, outra reportagem com o título “Feridos Três jogadores do scratch”, trazia uma descrição do que tinha acontecido em campo:

Não há palavras bastante veementes para descrever com vehemencia necessária os acontecimentos de ontem no campo do San Lorenzo. (...) Enquanto a torcida se descontrolara e vaiara os jogadores brasileiros, quando as scenas passaram à verdadeira selvageria, sendo arremesados aos campos vários objectos, quando o povo arreventou os arames e invadiu o campo, a policia, commandada por um official, ao envés de procurar conter a multidão, avançou de sabre em punho sobre o scratch brasileiro, ferindo vários jogadores, (...) O match prolongou-se, assim, num

ambiente irrespirável, de tremenda violência, jogando os brasileiros sobre tremenda coação, e, si tivessem vencido, talvez nem pudessem sair de campo, victimados pela multidão enfurecida. (DIÁRIO DA NOITE, 2/2/37, p. 1)

O jornal completa que foi necessária muita diplomacia do chefe da delegação brasileira, Castello Branco, “para que não se effectivasse um massacre completo” (DIÁRIO DA NOITE, 2/2/37, p. 7). O jornal procura construir a ideia de um “inimigo”, demarcando uma alteridade no campo esportivo que perdura até hoje na imprensa brasileira, conforme HELAL E LOVISOLO (2007) apontam.

Essa beligerância, no entanto, não está presente na imprensa de modo uniforme. No dia 3 de fevereiro, a coluna “Deplorável incidente e lamentável attitude”, no jornal *A Noite*, destaca a parcialidade de “alguns locutores”, sem citar nomes, que teriam construído um clima hostil para a partida, além de ter “atacado” com palavras o povo argentino. O texto termina chamando os locutores de sensacionalistas e acusando-os de terem cometido um crime ao incitar um povo contra o outro.

Como destaca Rosalía Winocur (2002), os meios de comunicação não fabricam mentiras e sim constroem verdades. Assim, cobrir a notícia no lugar em que ela acontece através da transmissão ao vivo, incluindo o testemunho de quem viu o fato, é característica dos discursos na cobertura radiofônica de um esporte que àquela altura já era extremamente popular.

Acreditamos que a narrativa de um evento tem um papel fundamental na criação e projeção de personagens, seja o locutor, seja o adversário ou os “compatriotas”. Por mais que a ideia de isenção estivesse presente na construção do rádio como lugar do jornalismo, os locutores assumiram outro papel a partir de então, adotando um estilo de narração que exalta e torce abertamente em favor da seleção brasileira. Constrói-se o gênero de relatos desportivos no rádio brasileiro quase que como um apêndice do jornalismo, inclusive, sobretudo a partir dos anos 1940, com a constituição de equipes distintas – uma para o radiojornalismo e outra, organizada na lógica dos espetáculos, para a cobertura esportiva.

Considerações Finais

O Sul-Americano de 1937 tornou-se um marco nas transmissões esportivas radiofônicas no Brasil. A seleção brasileira, que tinha sido eliminada na primeira fase da Copa do Mundo de 1934 e desde então não havia enfrentado outras seleções nacionais, foi investida, com a cobertura da competição, de uma identidade peculiar, uma espécie de síntese do Estado-nação que se buscava constituir, como projeto político e como projeto intelectual. Apesar da derrota, a imprensa se mostrou orgulhosa com o vice-campeonato, valorizando os atletas pela conquista e saudando-os como heróis nacionais.

Infelizmente, não temos registros destas transmissões e só podemos analisá-las através dos metadiscursos sobre as narrações do rádio nas páginas dos jornais da época. Ainda assim, observando estes vestígios, encontramos pistas de que estas transmissões demarcam o surgimento de uma cobertura dos acontecimentos praticamente em tempo real, introduzindo na mediação comunicacional massiva a concepção de instantaneidade. Esta mediação assume uma nova natureza, com os relatos desportivos assumindo características próprias, distantes da gramática da interação mediada interpessoal, através do telefone, por exemplo.

Pela primeira vez um jogo internacional da seleção foi transmitido, ampliando o espaço discursivo sobre a equipe, auxiliando no crescente interesse por seu desempenho, tornando tal prática um artefato cultural e construindo um campo de construção de sentidos. As locuções acionaram reações de emoção aos jogos finais ao passo que consolidaram a presença do rádio nas competições internacionais⁷. Essa nova forma de interação, mediada por um locutor, despertou emoções e críticas dos jornais.

Narrar um jogo da seleção pressupõe, a partir de então, descrever as ações de 11 homens que defendem a nação, ampliando o lado afetivo e ajudando a projetar esses personagens no imaginário nacional, através de toda uma conjuntura interna de afirmação do futebol como identidade nacional. Acreditamos que este vínculo afetivo do rádio e a mobilização que o futebol causava, no Sul-Americano de 1937, ajudaram a conformar a ideia da seleção como metonímia para a nação, estabelecendo uma rivalidade regional com a Argentina que se concretiza hoje em diversos campos, extrapolando o futebol.

7 No dia 5 de junho de 1938 a Cadeia de Emissoras Binyngton, formada pelas rádios Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul do Rio de Janeiro, Cosmos e Cruzeiro do Sul de São Paulo, e a Rádio Clube de Santos transmitiram a estreia do Brasil na Copa da França. Com a narração de Gagliano Neto e o patrocínio do Cassino da Urca, o brasileiro pode acompanhar pela primeira vez uma Copa do Mundo ao vivo, pelo rádio (ORTRIWANO, 2000).

Essa lógica do espetáculo radiofônico esportivo aciona, evidentemente, outros processos sociais e culturais, que não podemos dar conta aqui pelo espaço limitado, mas que serão objeto de estudo mais aprofundado. Mas, decerto, a narração do futebol no Brasil desempenha papel central na própria construção da radiofonia como espaço de articulação espaço-temporal, de produção do tempo presente e de narrativas sobre a coletividade, que merecem nossa atenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Noite, Rio de Janeiro, 23jan-03fev, 1937.

ANTUNES, F. M. RODRIGUES FERREIRA (2004) “Com brasileiro, não há quem possa!”: *futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Ed. Unesp.

BACZKO, B. “A imaginação social” In: LEACH, E. et Alii. (1985) *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.) (2005) *Teorias do Rádio - textos e contextos* - vol.1. Florianópolis: Insular.

CALABRE, L. (2004) *A Era do Rádio*. 2 ed. Rio de Janeiro: JORGE Zahar Ed.

CHARAUDEAU, P. (2010) *Discurso das mídias*. Trad. Angela S. M. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 23jan-03fev, 1937.

DURAND, G. (1997) *As estruturas antropológicas do imaginário*: introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Ed. Presença.

FERRARETTO, L. A. (2014) *Rádio: teoria e prática*. São Paulo: Summus.

—Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. *Revista EPTIC On-Line*. Aracaju/São Cristóvão: UFS, v. XXIV, 2012.

FERNÁNDEZ, J. L. (2012) *La captura de la audiencia radiofónica*. Buenos Aires: Liber Editores.

—(2008) *La construcción de lo radiofónico*. Buenos Aires: La Crujía.

FILHO, M. (2003) *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad.

FRATICCELLI, D. (2008) El nacimiento de las transmisiones deportivas o de cómo La radio comenzó a construir acontecimientos sociales em directo. In: FERNÁNDEZ, J. L. *La construcción de lo radiofónico*. Buenos Aires: La Crujía.

FREYRE, G. “Football Mulato”. *Diário de Pernambuco*. Publicado em 18 de junho de 1938.

GUTERMAN, M. (2009) *O futebol explica o Brasil*: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto.

HELAL, R., CABO, ALVARO DO (ORG.) (2014) *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

HELAL, R., SOARES, A. J., LOVISOLO, HUGO (ORG.) (2001) *A invenção do país do futebol - Mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad.

HELAL, R., LOVISOLO, H. (2007) Jornalismo e futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar”. Anais do XVI Encontro da Compós, Curitiba. XVI Encontro da Compós. Curitiba: Compós.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 23jan-03fev, 1937.

- LE GOFF, J. (1985) *L'Imaginaire medieval*. Paris: Gallimard.
- MASCARENHAS, G. (2014) *Entradas e bandeiras – a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- MELO V. ANDRADE DE (2009) Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. *História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP.
- MOSCOVICI, S. (2012) *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes.
- MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia e BENETTI, M. (2007) *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes.
- (2013) *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- ORTRIWANO, G. S. (2000) *França 1938, III Copa do Mundo: o rádio brasileiro estava lá*, Universidade de São Paulo, ECA.
- PRONI, M. W. (2000) *A metamorfose do futebol*. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.
- REIS, J. C. (2001) *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- RICOEUR, P. (2010) *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- RODRIGUES, N. (1994) *A pátria em chuteiras: Novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SANTOS NETO, J. M. DOS (2002) *Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify.
- SARMIENTO, C. E. BARBOSA (2013) *A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SEVCENKO, N. (1994) *Futebol, Metrôpoles e Desatinos*, Dossiê Futebol, *Revista USP* num. 22, jun/ago de 1994.
- SILVA, M. RODRIGUES DA (2014) *Cidade Esportiva/ Cidade das letras*. In: CAMPOS, Flávio e ALFONSI, D. *Futebol Objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya.
- TAVARES, R. C. (1997) *Histórias que o Rádio não contou*. São Paulo: Negócio Editora.
- THOMPSON, J. B. *Mídia e Modernidade – uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- WINOCUR, R. (2002) *Ciudadanos mediáticos: La construcción de lo público en la radio*. Barcelona: Gedisa.

